

Carlos Drummond de Andrade – O sábio equilibra-se no caos
(Rodrigo Carvalho da Silveira – UFRJ¹)

Resumo

Carlos Drummond de Andrade, muito além de escrever, construiu uma obra. E seu livro *Farewell* possui o papel de finalizar esta obra. Organizado e deixado pronto para publicação, *Farewell* trata de todos os temas caros ao poeta mineiro, revestindo-os do tema central do livro, o adeus.

Este trabalho analisa o livro póstumo de Drummond, demonstrando o papel fundamental que possui dentro da obra drummondiana e expondo como o poeta mineiro pensava que “poesia é negócio de grande responsabilidade”.

Palavras-chave: Poesia; Literatura brasileira; Farewell; Carlos Drummond de Andrade; Ironia

Abstract

Carlos Drummond de Andrade, beyond writing, built a shell-work. And his book *Farewell* has the role to finish this shell-work. Organized and left ready for publication, *Farewell* handles all subjects dear to the poet miner, coating them the central theme of the book, the farewell.

This paper analyzes the posthumous book of Drummond, demonstrating the key role it has within the Drummond's shell-work and exposing as the brazilian poet thought that "poetry is a business of great responsibility."

Key words: Poetry; Brazilian Literature; Farewell; Carlos Drummond de Andrade; Irony

¹ Rodrigo Carvalho da Silveira - <http://lattes.cnpq.br/1280568389198295> - Doutorando em Literatura Brasileira na UFRJ – Rio de Janeiro – Brasil – rodrigocarvalhoufrj@gmail.com
Revista Litteris – www.revistalitteris.com.br
n. 12 - setembro de 2013

Carlos Drummond de Andrade – O sábio equilibra-se no caos
(Rodrigo Carvalho da Silveira – UFRJ²)

Carlos Drummond de Andrade foi um escritor de muitas faces: poeta, contista, cronista; enfim, um homem dedicado à Literatura. Nasceu em Itabira no ano de 1902 e faleceu aos 84 anos, no Rio de Janeiro, em 1987. Estreou em livro em 1930 com *Alguma poesia*, viveu mais de 2/3 de sua vida dedicando-se ao ato de escrever, definido por ele mesmo como uma “luta com as palavras”.

Este homem mineiro viveu para a Literatura, organizando o seu dia e sua vida para o trabalho com a palavra: esta organização fica muito clara em “O ninho da poesia” de Humberto Werneck, onde o crítico expõe a rotina diária de Drummond: horário para o trabalho, para o lanche, para o descanso; tudo minuciosamente programado, arquitetado.

Porém, por que se debruçar sobre características tão biográficas? Ou menos, qualidades tão burocráticas e anti-poéticas? Pensando a poesia com um olhar romântico, repleto de magia e emoções. A resposta é simples: um escritor tão organizado, que leva tão a sério o ato de escrever, não escreve um poema, constrói, arquiteta, organiza uma obra:

Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseja por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é, mesmo, um ser à mercê de inspirações fáceis, dócil as modas e compromissos. (Andrade, 2007)

² Rodrigo Carvalho da Silveira - <http://lattes.cnpq.br/1280568389198295> - Doutorando em Literatura Brasileira na UFRJ – Rio de Janeiro – Brasil – rodrigocarvalhoufrj@gmail.com
Revista Litteris – www.revistalitteris.com.br
n. 12 - setembro de 2013

Esta linha de pensamento nos leva diretamente ao objeto de estudo deste trabalho: *Farewell*, livro póstumo lançado em 1997. O último livro de Drummond foi deixado por ele em uma pasta azul-claro, arrumado, com título e os poemas em ordem. Livro destinado à publicação póstuma, intitulado *Farewell*, não deixa dúvidas que era dedicado ao fechamento de sua produção poética, ao “adeus” da poesia.

Carlos Drummond de Andrade é um poeta de ofício, e como diz Teresa Cristina Meireles de Oliveira: “sua obra não se faz de acasos. Construção alicerçada pelo poeta, cada livro tem o seu lugar e razão de ser na obra”.

E qual é o lugar, a razão de ser de *Farewell*? O lugar da conclusão, do adeus. É possível pensar a obra de Drummond como uma monografia: onde *Alguma poesia* ocupa o espaço de introdução, os demais livros aparecem no desenvolvimento, e *Farewell* conclui. Sendo uma conclusão, o livro retoma todos os temas caros ao poeta ao longo de sua vida literária: Minas Gerais, a família, o tempo, a experiência amorosa, o cotidiano, a memória, a infância, o trabalho, o mundo; e os reveste de uma camada “dolorida” do adeus.

Carlos Drummond de Andrade é posicionado como um poeta modernista com qualidades como a simplicidade, a liberdade métrica, a dessacralização da poesia, o nacionalismo, o experimentalismo; entretanto, listar estas qualidades está muito distante de se aproximar realmente da poética de Drummond, pois como diz Antonio Carlos Secchin em “Aforismos”, no livro *Todos os ventos*: “o grande artista relativiza as leis do estilo em que se inscreve; cabe aos menores acreditar demais em tudo aquilo” (Secchin, 2002, p.78).

Marlene de Castro Correia localiza o poeta Carlos Drummond de Andrade na linha que se aproxima do Romantismo alemão, onde a ironia é formadora da arte. A ironia que transpassa e compõe toda a obra de Drummond possui origem bastante anterior ao Romantismo de greta, como verifica Ronaldo de Melo e Souza em seu livro *O romance tragicômico de Machado de Assis*. A ironia que Souza identifica em Machado é a mesma que deságua em Drummond e que possui raiz nos gregos, é a ironia de Sócrates, questionadora, que não se satisfaz com uma única resposta e se metamorfoseia em diversas faces constituintes de diversos pontos de vista.

Drummond é um poeta-ator por excelência que desvela a pluralidade compositora do ser humano. O homem nunca é único, sempre é vários, por essa razão diversos poemas do autor parecem desdizer o que foi dito, trata-se de uma poética dos opostos complementares. O que tece a poética Drummondiana é a polifonia de vozes, é a união de contrários formadores do uno. Ronaldes de Melo e Souza comenta sobre a característica camaleônica do escritor irônico: “o artista dialeticamente irônico ri continuamente de si mesmo, personificando vários eus, mas não se identificando com nenhum deles”(Souza, 2006, pp.44).

O posicionamento de Marlene de Castro Correia complementa-se através do crítico Gilberto Mendonça Teles que analisa a obra Drummondiana em *Drummond, a estilística da repetição*:

tratando-se de elementos de estrutura interna, a repetição gera imediatamente uma corrente intensiva cuja maior significação depende não só do valor semântico da massa repetida como também da extensão e da categoria gramatical a que pertença o vocábulo. O mesmo ocorre com a reiteração de segmentos melódicos, cuja função é também a de atuar como grupos de força, em movimento, desencadeando uma consciência rítmica em que o leitor se vê lançado, como num torvelinho. (Teles, 1976, p.71)

A repetição dos elementos internos, da melodia, das palavras e dos temas mostra as multipossibilidades que o poeta se permite ao abordar os assuntos de que trata, em cada momento ele traz um novo ponto de vista, uma nova luz para a matéria de que versa.

E é na repetição e na magia lúcida, que “o sábio equilibra-se no caos”, “sempre sóbrio para pintar a bebedeira”, construindo, desta forma, o livro final: *Farewell*.

Os 49 poemas estão seqüenciados em ordem alfabética, exceção para o poema de abertura “Unidade”. Este poema surge como um prólogo que, destacado da ordem estabelecida, exhibe de maneira sucinta o conteúdo constituinte do livro, nos introduz ao tom “menor” que envolverá cada poema, cada peça do quebra-cabeça chamado *Farewell*:

UNIDADE

As plantas sofrem como nós sofremos.

Revista Litteris – www.revistalitteris.com.br
n. 12 - setembro de 2013

Por que não sofreriam
se esta é a chave da unidade do mundo?

A flor sofre, tocada
por mão inconsciente.
Há uma queixa abafada
em sua docilidade.

A pedra é sofrimento
paralítico, eterno.

Não temos nós, animais,
sequer o privilégio de sofrer.

Em “Unidade” aparecem diversas palavras chaves para a obra de Drummond: “chave”, “mundo”, “pedra”, “sofrer”. E um poeta que domina tão precisamente o seu ofício, que penetra no mundo das palavras, não teria razão para repetir em cinco formas distintas, tão enfaticamente, a palavra “sofrer”: há diversos sinônimos cabíveis, porém é este eco constante que vai soar em cada um dos poemas de *Farewell*. O leitor recebe cada verso com um zumbido permanente: sofreriam, sofremos, sofrem, sofrimento, sofrer.

Esta forma de auto-interpretação, de entregar a “chave” ao leitor, se vincula ao Romantismo alemão que sacralizou a ironia como formadora da arte, um princípio de construção. Em uma obra de arte regida pelo princípio formador da ironia poética, há a união incessante entre a experiência emocional e a experiência racional, tendo uma expressão continuamente voltada sobre si mesma (magia lúcida). Nesta expressão, o poema se transmuta constantemente em metapoema num movimento contínuo do eu de desdobrar-se em autor e crítico.

F. Schlegel definiu a ironia como uma parábase permanente. Parábase é o momento da comédia grega em que o coro se desliga do contexto das ações e insere um contraponto crítico das questões encenadas. Este movimento do coro divide a encenação teatral em duas partes iguais implantando uma metalinguagem crítica na trama.

Carlos Drummond de Andrade insere em *Farewell*, um prólogo (termo originalmente usado na tragédia grega para a parte anterior à entrada do coro e da orquestra, na qual se enuncia o tema da peça), representado pelo poema “Unidade” e

através de “Arte em exposição” introduz um movimento de parábise, em que o poeta, através da metalinguagem e da intertextualidade com a pintura, interpreta a vida e a sua Literatura. Em “Gentil homem bêbado (Carrà)”, os versos definem a poética drummondiana e entram em contato direto com o “prólogo” de toda a sua obra: o “Poema de sete faces”, primeiro poema de *Alguma poesia*:

De Baudelaire o conselho:
É preciso estar sempre bêbado.
Além do imaginário e do real
é preciso estar sempre sóbrio
para pintar a bebedeira.

A união dos opostos complementares, emoção e razão, aparece diretamente nestes versos. E é este movimento constante entre sentimento e racionalidade, entre o eu envolvido no poema e o eu crítico, sóbrio, distanciado, que irá montar a obra de Drummond.

Outro quadro trazido pelo poeta é “Auto-retrato (Soutine)”:

Sou eu ou não sou eu?
Sou eu ou sou você?
Sou eu ou sou ninguém,
E ninguém me retrata?

Aqui, a busca pelo eu é o tema central, porém torna-se clara a multiplicidade de interpretações e de faces do artista, tanto do pintor, quanto do poeta que faz a ligação intertextual entre o quadro e o poema, entre o artista e sua obra. No livro, ainda há o poema “As identidades do poeta”, que dialoga com o português Fernando Pessoa e com estes versos sobre o quadro de Soutine. Drummond aproxima a sua imagem às características do poeta português, montando estrofe a estrofe as similaridades entre ele e Pessoa:

Afinal, quem é quem, na maranha
De fingimento que mal finge
E vai tecendo com fios de astúcia
Personas mil na vaga estrutura

De um frágil Pessoa?

Quem? Carlos Drummond de Andrade? Fernando Pessoa? Os dois são os fingidores: um de sete faces e o outro de mil personas; ambos, poetas atores que se multiplicam para dar luz às diversas possibilidades, aos muitos pontos de vista possíveis diante de um tema.

Em “Arte em exposição”, Drummond escolheu artistas com os quais a sua obra se identificava, plantando dentro de *Farewell* um momento de reflexão e interpretação de seus versos. Muito além da dor da despedida que reveste todo o livro, do sofrimento, da morte, do grave adeus, há uma verdadeira conclusão crítica sobre a poética drummondiana. Pois é no reflexo do outro que me enxergo, nas atitudes, nas formas que os diferentes de mim possuem que me encontro. E Drummond choca-se com Pessoa, Baudelaire, Rotterdam, Voltaire e Van Gogh.

Por que somente estes autores em uma lista tão longa de quadros (já que “Arte em exposição” possui 32 quadros retratados)? Porque em um poema dedicado às artes plásticas, o poeta escolhe dois escritores e um filósofo para participarem do jogo intertextual, e isto não é em vão, pois é através desta escolha que aparece de forma mais clara a chave da poética drummondiana: a metalinguagem, o olhar crítico do eu em relação a sua própria obra.

O poema sobre a escultura de Houdon, *Voltaire*, é uma forma condensada de expor a fina ironia que acompanha os versos de Drummond. Esta ironia tem origem na filosofia grega através de Sócrates, pois é uma forma de questionamento sobre as respostas para as questões humanas: a toda resposta paira sempre a dúvida, a desconfiança. Esta forma questionadora deságua na Literatura Brasileira em Machado de Assis, e na poesia, em Carlos Drummond de Andrade, dialogando diretamente com o Romantismo Alemão, Friedrich Schlegel demonstra a importância na ironia na Literatura:

A filosofia é a verdadeira pátria da ironia, que se poderia definir como beleza lógica: pois onde quer que se filosofe (...) se deve obter e exigir ironia. (...) Nesse aspecto, somente a poesia pode também se elevar à altura da filosofia (...) Há poemas antigos e modernos que respiram, do início ao fim, no todo e nas partes, o

divino sopro da ironia. Neles vive uma bufonaria realmente transcendental. No interior, a disposição que tudo supervisiona e se eleva infinitamente acima de todo condicionado, inclusive a própria arte, virtude ou genialidade; no exterior, na execução, a maneira mímica de um bom bufão italiano comum. (Schlegel, 1997, p.26 e 27)

Lembrando que devemos entender ironia como questionamento, por conseqüência, o poema está sempre dividido em um eu envolvido com as emoções e outro eu distanciado, desconfiando, criticamente, com um sorriso no rosto, de tudo aquilo:

Voltaire (*Houdon*)
O mundo não merece gargalhada. Basta-lhe
Sorriso de descrença e zombaria.

Drummond vincula a sua literatura à filosofia, conecta a ironia de seus poemas, não à retórica, mas à ironia socrática, que desconfia, questiona. Ele define brilhantemente a estrutura de sua obra poética, pois todos os livros que escreveu estão ligados ao “sorriso de descrença e zombaria”: há descrença no mundo, no homem, na vida e na sua própria obra, afinal há melhor forma de sorrir de si mesmo do que nomeando o primeiro livro como *Alguma poesia?*

Friedrich Schlegel, ainda em *O dialeto dos fragmentos*, define a forma ideal de um bom poema, e desenha-se, através da definição, uma ponte entre a fala de Schlegel e o poema de Drummond sobre o quadro de Quentin Metsys:

Em todo bom poema, tudo tem de ser intenção e tudo tem de ser instinto. Com isso, se torna ideal. (Schlegel, 1997, p.21)

A união de contrários aparece na fala de Schlegel, assim como nos versos sobre Baudelaire e sobre Erasmo de Rotterdam em *Farewell*:

Santidade de escrever,
Insanidade de escrever
Equivalem-se. O sábio
Equilibra-se no caos.

O instinto equivale-se à insanidade e a santidade à intenção, o sábio, ou seja, o bom escritor é aquele que se equilibra entre ambos os lados (emoção e razão), é aquele que faz do poema completamente intencional e totalmente instintivo. As palavras de Marlene de Castro Correia ilustram o pensamento de Schlegel definindo a poética de Carlos Drummond de Andrade: a magia lúcida.

Por fim, esbarra-se em Van Gogh. Após ligar a si mesmo à Pessoa, através da multiplicidade de eus; unir-se aos escritores Baudelaire e Erasmo de Rotterdam, a partir do equilíbrio entre razão e emoção; vincular-se a Voltaire, por meio da ironia socrática e filosófica, o que nos resta ainda enxergar na poética drummondiana?

Resta perceber a representação de Van Gogh, pintor que aparece em “Arte em exposição” com quatro quadros, 1/8 das obras “comentadas” por Drummond. Através do pintor, o escritor de Itabira enxerga os temas de sua obra e, principalmente, o tema central de *Farewell*. Aqui, topa-se com a angústia, a solidão, o sofrimento, a diferença: Van Gogh é gauche, e o Carlos foi ser gauche na vida:

A cadeira (*Van Gogh*)
Ninguém está sentado
Mas adivinha-se o homem angustiado.

O quadro amarelado expõe um sofrimento, uma tristeza. A dor exala por todos os poros, e nos lembra da vida pétrea: imutável e dolorosa; faz-nos retornar ao *Unidade*, poema que exprime o sofrimento de viver. E o quadro nos leva ainda mais longe, pois ao se pensar que *Farewell* lida com a despedida, com a morte; pode-se enxergar que mesmo na ausência, na morte, fica a dor, o sofrer. “Ninguém está sentado”: ausência temporária? Ausência permanente? Em ambos, o sofrimento está presente: “adivinha-se o homem angustiado”.

No quadro seguinte, aparece novamente a solidão, a frieza:

Café noturno (*Van Gogh*)
Alucinação de mesas
Que se comportam como fantasmas
Reunidos

Solitários
Glaciais.

A repetição de quadros de Van Gogh mostra a ênfase da ausência e da solidão como temas centrais de *Farewell*, ambos ligados à morte, revelam o sofrimento que a vida e a morte nos trazem.

Em “Café noturno”, estão todos mortos em vida: são fantasmas, que reunidos no mesmo espaço, estão completamente distantes e solitários. Mais uma vez o tom de amarelo doentio destaca uma angústia que se espalha por todo o ambiente. A separação dos adjetivos ligados à palavra fantasma em versos distintos destaca a solidão dos envolvidos no quadro. Outra questão importante é a escolha de Drummond por descrever as mesas, e não os seres humanos: os objetos estão mais vivos que os homens. Esta visão de morto-vivo se espalha por todo o livro, como em “Carne envilecida”, “Aparição amorosa”, “Restos”...

Mais uma vez, a ausência, uma mistura de vida e morte aparece em “Jardim do manicômio”: a natureza viva e sã mistura-se ao homem louco e ausente. A loucura mostra-se como a morte em vida, a angústia transborda pela tela:

O jardim onde passeia a ausência de razão
É todo ele ordem natural.
A terra acolhe o desvario
Que assimila a verdura e a leveza do ar.

É importante ressaltar a união de contrários nos versos de Drummond e a contradição como princípio estruturador do poema. O tema da loucura se entranha, vira forma, e no meio da insanidade de escrever, surge o equilíbrio da razão. O homem se ausenta para a natureza se tornar bela e leve. Mas mesmo diante da beleza e da tranquilidade natural do quadro, adivinha-se a angústia da solidão e da morte em vida.

O último quadro é “Sapatos”:

Cansaram-se de caminhar
Ou o caminho se cansou?

No questionamento fica a dúvida do que realmente aconteceu com os sapatos velhos jogados, mas há sempre o retorno da ausência, da dor, da angústia. Não importa a resposta, o cansaço nos liga a velhice, a morte, ao fim. Fim do caminho, fim da caminhada, fim da vida. Em “Sapatos”, tudo é fim, tudo acabou; como *Farewell*, adeus, pois chegaste ao fim, aqui tudo se acaba.

Neste livro, neste momento, completa-se o ciclo de uma obra vinculada ao questionamento, à análise do mundo, da vida, de si mesma, de si mesmo. Obra múltipla, crítica, sentimental. *Farewell* é o epílogo da obra de Drummond, escrita e construída em vida e que mesmo diante da morte, sempre irá viver. O caminho se cansou de fazê-lo sofrer/viver, mas nós, leitores, jamais cansaremos de caminhar por seus versos.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

----- . *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

CICERO, Antonio. “Drummond e a modernidade”. In: *Finalidades sem fim*. Companhia das Letras, 2005.

CORREIA, Marlene de Castro. *Drummond, a magia lúcida*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002.

JAKOBSON, Roman. *Linguística; poética; cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

----- . *Poética em ação*. São Paulo: Perspectiva, 1990

OLIVEIRA, Teresa Cristina Meireles de. *Farewell – a despedida poética de Drummond*.

SANTANNA, Affonso Romano de. *Drummond, o gauche no tempo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

SANTOS, Vivaldo Andrade dos. *O trem do corpo: estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Editora Nankin, 2006.

SCHLEGEL, Friedrich. *Conversa sobre poesia e outros fragmentos*. Tradução Victor-Pierre Stirnimann. São Paulo: Iluminuras, 1984.

_____. *O Dialeto dos Fragmentos*. Tradução Marcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SECCHIN, Antonio Carlos. *Todos os ventos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. *Escritos sobre Poesia & Alguma ficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. *O romance tragicômico de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

SUZUKI, Márcio. “A Gênese do Fragmento”. In: *O Dialeto dos Fragmentos*. Tradução Marcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997. p. 11 – 18.

TELES, Gilberto Mendonça. *Drummond, a estilística da repetição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.